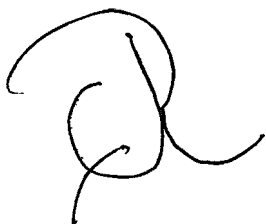


**W. J. SEATON**

**OS CINCO PONTOS DO  
CALVINISMO**



30.07.2013



# OS CINCO PONTOS DO CALVINISMO

W. J. SEATON

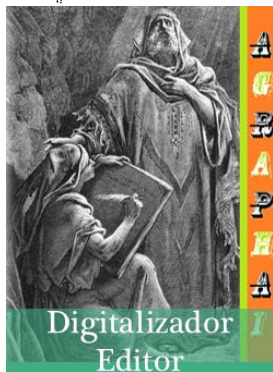
<http://agraphai.blogspot.com.br/>

**IBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS**

Rua 24 de Maio, 116 - 3º andar - salas 16/17  
Caixa Postal 1287 - 01059-970 - São Paulo - SP

## PREFÁCIO

Poucas palavras despertam tanta suspeita, desconfiança, e até animosidade entre os cristãos professos quanto a palavra calvinismo. No entanto, muito do ardor dirigido contra esse sistema e aqueles que o adotam e o pregam, certamente é um ardor que não procede de conhecimento. Os artigos neste livrinho representam uma esperança de que seja retirado muito do abuso lançado contra o sistema teológico calvinista, e que a verdade desse grande ensino — o qual foi a espinha dorsal de nossos pais na fé e a força da Igreja numa era muito mais gloriosa que a nossa — seja claramente vista.



Jose Edson Rodrigues

## INTRODUÇÃO

Precisamos começar pela Holanda, no ano de 1610. James Arminius, um professor holandês, acabara de morrer, e seus ensinamentos haviam sido formulados em cinco pontos principais de doutrina por seus seguidores — conhecidos como arminianos. Até esse momento as igrejas da Holanda, assim como as outras igrejas protestantes mais importantes da Europa, subscreviam a Confissão de Fé Belga e de Heidelberg, ambas firmemente baseadas nos ensinamentos da Reforma. Mas os arminianos queriam mudar essa posição, e por isso apresentaram seus cinco pontos em forma de objeção — ou protesto — ao parlamento holandês. Os cinco pontos do arminianismo eram, de modo geral, os seguintes:

1. *Livre-arbítrio, ou capacidade humana.* Ensinavam aqui que o homem, embora debilitado pela Queda, não era totalmente incapaz de escolher o bem espiritual, e podia exercer fé em Deus de forma a receber o evangelho e assim tomar posse da salvação para si mesmo.

2. *Eleição condicional.* Ensinavam que Deus impunha Suas mãos sobre aqueles indivíduos que sabia — ou antevia — responderiam ao evangelho.

Deus elegeu aqueles que previa quererem ser salvos por seu próprio arbítrio e em seu estado natural caído — que, de acordo com o primeiro ponto do arminianismo, já não era completamente caído.

3. *Redenção universal, ou expiação geral.* Ensinavam aqui que Cristo morreu para salvar a todos os homens; mas só *potencialmente*. A morte de Cristo permitiu a Deus perdoar os pecadores, porém sob a condição de que cressem.

4. *A obra do Espírito Santo na regeneração limitada pela vontade humana.* Ensinavam que quando o Espírito Santo iniciava a obra de trazer uma pessoa a Cristo, ela podia resisti-LO eficazmente e frustrá-LO em Seus propósitos. Não poderia dar vida se o pecador não estivesse disposto a receber essa vida.

5. *Cair da graça.* Ensinavam que o homem salvo poderia finalmente perder a salvação. Este é sem dúvida, o resultado lógico e natural do sistema. Se o homem tem que tomar a iniciativa em sua salvação, então tem que assumir a responsabilidade pelo resultado final.

Os cinco pontos do arminianismo foram apresentados ao Estado, e um Sínodo Nacional da igreja foi convocado para se reunir em Dort em 1618, a fim de examinar o ensinamento de Arminius à luz das Escrituras. O Sínodo de Dort reuniu-se durante 154 sessões em um período de sete meses, mas ao seu término não encontrou campo para reconciliar o ponto de vista arminiano com aquele exposto na Palavra de Deus. Reafirmando a posição tão inequivocamente sustentada pela Reforma, e formulada pelo teólogo francês João Calvino, o Sínodo de Dort formulou seus “Cinco Pontos do Calvinismo” para fazer frente ao sistema arminiano. Às vezes esses pontos são colocados em forma de um acróstico baseado na palavra TULIP, como segue:

- T Total depravação (i.e. incapacidade total)
- U Eleição incondicional ("Unconditional election")
- L Limitada Expição (i.e. redenção particular)
- I Irresistível graça
- P Perseverança dos santos

Como pode ser percebido de imediato, estes são completamente opostos aos cinco pontos do arminianismo. O homem é totalmente incapaz de salvar a si mesmo devido a queda no jardim do Éden ter sido *total*. Se não pode salvar-se, então Deus tem que salvá-lo. Se Deus tem que salvar, então tem que ser livre para salvar a quem Ele quer. Se Deus determinou salvar a quem Ele quer, então foi para estes que Cristo fez a expiação na cruz. Se Cristo morreu por eles, então o Espírito Santo efetivamente chamá-los-á para aquela salvação. Se a salvação é de Deus desde o início, então o fim também será de Deus, e os santos perseverarão em júbilo eterno.

Estes são os chamados "Cinco Pontos do Calvinismo". Examinemos cada um em maiores detalhes sendo que são firmemente baseados na Palavra de Deus, e mantidos tenazmente por nossos antepassados na "fé... uma vez... dada aos santos". Por essa fé devemos lutar com vigor. Veremos a verdade do que Charles Haddon Spurgeon pretendia ao declarar: "Não é novidade então o que prego; nenhuma doutrina nova. Gosto de proclamar aquelas doutrinas fortes e antigas que são apelidadas de *calvinismo*, mas que são segura e certamente a verdade de Deus revelada em Jesus Cristo".

## 1. DEPRAVAÇÃO TOTAL

A medida em que considerarmos o primeiro dos cinco pontos do calvinismo, certamente o que deve

nos impressionar é o fato deste sistema começar por algo fundamental à questão da salvação, a saber, uma avaliação correta da *condição* daquele que deverá ser salvo. Se tivermos uma perspectiva deficiente e amena sobre o pecado, então estamos sujeitos a ter uma perspectiva deficiente quanto aos meios necessários para a salvação do pecador. Se acreditarmos que a queda do homem no Jardim do Éden foi só parcial, então é provável que fiquemos satisfeitos com uma salvação que seja atribuível parcialmente ao homem e parcialmente a Deus. Como as palavras de J. C. Ryle sobre o assunto são cheias de bom senso! “Existem muito poucos erros e doutrinas falsas”, diz ele, “cujas origens não possam ser vinculadas a pontos de vista incorretos sobre a corrupção da natureza humana. Perspectivas erradas sobre uma doença sempre trarão consigo perspectivas erradas sobre uma cura. Perspectivas erradas sobre a corrupção da natureza humana sempre trarão consigo perspectivas erradas sobre o grandioso antídoto e cura daquela corrupção”.

Com plena consciência de que este era o caso, os teólogos da Reforma e aqueles que reduziram os ensinamentos reformados a esses Cinco Pontos no Sínodo de Dort, baseando seus julgamentos firmemente nas Escrituras, afirmaram que o estado natural do homem era de *total depravação*, e portanto havia total incapacidade do homem para obter ou contribuir a favor de sua própria salvação.

Quando os calvinistas falam em depravação *total*, entretanto, não querem dizer que todo homem é tão mau quanto poderia ser, nem que o homem seja incapaz de reconhecer a vontade de Deus; nem ainda que seja incapaz de fazer o bem para os seus semelhantes, ou até de ser submisso externamente ao culto de Deus. O que querem dizer é que quando o homem caiu no Jardim do Éden, caiu em sua



“totalidade”. A personalidade do homem foi afetada como um todo pela Queda, e o pecado atinge a todas as faculdades — a vontade, o entendimento, as afeições, etc. Acreditamos que isso é irrefutavelmente ensinado na Palavra de Deus, à qual passamos a nos referir. O que segue é somente uma seleção das Escrituras que confirmam os ensinamentos calvinistas sobre a *depravação total*.

A Bíblia ensina com clareza absoluta que o homem, por natureza, está MORTO: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a *morte*, assim também a *morte* passou a todos os homens, por isso que todos pecaram” (Rom. 5:12). Ela nos diz que os homens estão AGRILHOADOS. “Instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade, e tornarem a despertar, desprendendo-se dos *laços* do diabo, em que à vontade dele estão presos” (2 Tim. 2:25-26). Mostra-nos que o homem é CEGO e SURDO. “...mas aos que estão de fora todas estas coisas se dizem por parábolas. Para que, vendo, vejam, e não *percebam*; e, ouvindo, ouçam, e não *entendam*” (Marcos 4:11-12). Mostra-nos, também, que somos IGNORANTES. “Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente...” (I Cor. 2:14). A Bíblia fala de nós como sendo PECAMINOSOS POR NATUREZA. (1) Por *nascimento*: “Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sal. 51:5). (2) Por *prática*: “e viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Gen. 6:5).

Esse então é o estado *natural* do homem. Por-

tanto, devemos perguntar: podem os MORTOS se levantar? Podem os PRESOS se libertar? Podem os CEGOS dar-se visão, ou os SURDOS audição? Podem os ESCRAVOS se remir? Podem os IGNORANTES ensinar a si mesmos? Podem os PECAMINOSOS POR NATUREZA mudar a si mesmos? Certamente que não! “Quem do imundo tirará o puro?” pergunta Jó; e responde, “Ninguém!” (Jó 14:4). “Pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas?” pergunta Jeremias; “Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal”. (Jer. 13:23).

Poderia a Palavra de Deus mostrar mais claramente do que faz, que a depravação é total? O quadro é de morte — morte espiritual. Somos como Lázaro em seu túmulo; mãos e pés amarrados; fomos tomados pela corrupção. Assim como não havia qualquer lampejo de vida no corpo morto de Lázaro, assim também não há “centelha interna receptiva” em nossos corações. Mas o Senhor opera o milagre — tanto com o fisicamente morto, quanto com o espiritualmente morto; pois “vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados”. (Ef. 2:1). Salvação, por sua própria natureza, tem que ser “do Senhor”.

## 2. ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Nossa aceitação ou rejeição da depravação total como uma afirmação bíblica verdadeira da condição do homem por natureza determinará em grande parte nossa atitude para com o próximo ponto que foi revisto no Sínodo de Dort. Eleição incondicional é bem colocada na Confissão de Fé Batista de 1689, a qual citaremos aqui como um resumo conveniente. É também afirmada em termos quase idênticos na

Confissão de Westminster e nos Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra, e todas as confissões importantes.

“Aqueles da humanidade que são predestinados para a vida”, diz a Confissão Batista, “Deus, antes de assentar a fundação do mundo, de acordo com Seu propósito eterno e imutável, e a deliberação secreta e o prazer de Sua vontade, escolheu em Cristo para a glória eterna, por Sua graça e amor, sem qualquer outra coisa na criatura como uma *condição* ou *causa* que O movesse a isso”. (Cap. 3, artigo 5).

A doutrina da eleição incondicional é consequência natural da doutrina da depravação total. Se de fato o homem está morto e preso em cativeiro, e cego, etc., então a solução para todas essas condições está fora dele mesmo (isto é, com Deus). Perguntamos no último capítulo: “pode o morto se levantar?” E a resposta inevitavelmente tem que ser: “certamente que não”. Se, entretanto, alguns homens e mulheres de fato *são* levantados de sua morte espiritual — “nascidos de novo” como coloca o Evangelho de João — e uma vez que são incapazes de operar essa obra por si mesmos, então devemos concluir que foi Deus que os levantou. Por outro lado, como muitos homens e mulheres não são “vivificados” devemos concluir semelhantemente que isso decorre de Deus *não* os ter levantado. Se o homem é incapaz de se salvar em decorrência da queda em Adão ter sido *total*, e se somente Deus pode salvar, e se *todos* não são salvos, então a conclusão tem que ser que Deus não escolheu salvar a todos.

Esta não é uma filosofia cega, mas é retirada da Palavra de Deus, é construída, sustentada e revelada por ela. O assunto é tão vasto quanto o oceano; mas não podemos fazer mais do que citar alguns versículos chaves das Escrituras que agem como mapa e compasso através desses mares imensos.

A história da Bíblia é a história da eleição incondicional. É estranho que aqueles que se opõem a essa doutrina não reconheçam isso. Alguns crentes têm dificuldade em crer que Deus poderia preterir certas pessoas e escolher outras, e no entanto, aparentemente não têm dificuldade em crer que Deus chamou a Abraão dentre os pagãos de Ur dos Caldeus deixando os outros no seu paganismo. Por que razão Deus escolheu a nação de Israel como Seu "povo peculiar"? Não há necessidade de especular, pois Deuteronômio 7:7 nos dá a resposta: "O Senhor não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menor em número do que todos os povos: Mas porque o Senhor vos amava. . ." Por que razão Deus, desrespeitando completamente as leis de família de Israel, escolheu o filho mais novo, Jacó, em lugar do primogênito Esaú? Mais uma vez, "à lei e ao testemunho". Rom. 9:11-13: "... Para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme. . . Amei Jacó, e aborreci Esaú.

Qual era a doutrina pregada por Jesus na sinagoga em Nazaré, se não a doutrina da eleição incondicional? "Em verdade vos digo que muitas viúvas existiam em Israel nos dias de Elias. . . E a nenhuma delas foi enviado Elias, senão a Serepta de Sidom, a uma mulher viúva. . . E muitos leprosos havia em Israel no tempo do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o siro". (Luc. 4:25-27). Sabemos o resultado da pregação dessa mensagem por nosso Senhor: "o levaram até ao cume do monte para dali o precipitarem".

Falta de espaço impede um relato completo da escolha soberana de Deus do Seu povo; mas a verdade é clara: "Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós" (João 15:16); "Não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa

fazer um vaso para a honra e outro para a desonra?" (Rom. 9:21). "Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia". (Rom. 9:15). "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo", "e nos predestinou para filhos de adoção". (Ef. 1:4-5); e assim por diante.

Concedemos que há um "tipo de eleição" que é mantida por muitos crentes hoje. De modo geral baseiam-se em Romanos 8:29: "Porque os que dantes conheceu também os predestinou...". A causa se desenvolve aproximadamente da seguinte maneira: Deus *previu* aqueles que aceitariam a Cristo, "elegendo-os" portanto para a vida eterna. Contra esse ponto de vista salientamos que:

1. A presciência de Deus refere-se a um povo e não a qualquer ação desenvolvida pelo povo. A Bíblia diz: "... os que dantes conheceu"... etc. De novo Deus fala através de Amós: "De todas as famílias da terra *a vós somente* conheci". Isto é, independente de qualquer ação, boa ou má, Deus os "conheceu" no sentido que os amou e escolheu para serem dEle. É assim que predestinou a Seus eleitos.

2. Não adianta dizer que Deus nos elegeu por ver algo que faríamos — isto é, "aceitar" a Cristo, mas somos escolhidos para que possamos "aceitá-lo". "Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus *para* as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas". (Ef. 2:10).

3. Também não resolverá dizer que Deus previu aqueles que acreditariam. Atos 13:48 torna esse ponto completamente claro: "... e *creram* todos quantos estavam ordenados para a vida eterna". Eleição não resulta de acreditarmos, mas nossa crença resulta de sermos eleitos — "ordenados para a vida eterna".

4. Além disso, dizer que exercitamos fé ao aceitar a Cristo e que Deus previu essa fé, e portanto nos elegeu, somente nos leva mais um passo para traz;

pois onde encontramos a fé para exercitar? As Escrituras fornecem a resposta: "É dádiva de Deus, não de nós mesmos".

Certamente, em vez de argumentarmos contra essas coisas, deveríamos estar praticando aquilo que o Espírito Santo, através do apóstolo Pedro, recomenda: "Procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição..." (2 Ped. 1:10).

### 3. EXPIAÇÃO LIMITADA

Este terceiro ponto não só nos traz ao âmago dos cinco, mas também ao fato central do evangelho, isto é, o propósito da morte de Cristo na cruz. Isso não é acidental. Os teólogos que haviam se colocado a tarefa de defender as verdades da Reforma Protestante contra os ataques da facção arminiana seguiam uma linha bíblica e lógica em suas formulações e haviam agora chegado ao pivô da salvação. Primeiro haviam perguntado "Quem deve ser salvo?" A resposta foi "O homem". Mas o ensinamento bíblico sobre o homem mostrou que, em seu estado natural o homem é completamente incapaz de salvar a si mesmo. Assim, temos o ensinamento da Bíblia acerca do homem colocado sob o título geral de depravação total, ou incapacidade. Em segundo lugar, uma vez que alguns homens e mulheres *são* efetivamente salvos, então deve ter sido Deus mesmo que os salvou em contraposição ao resto da humanidade. Isto é eleição: "...para que o propósito de Deus, segundo a eleição, ficasse firme..." (Rom. 9:11). Entretanto, a eleição "marcava somente a casa para onde viajaria a salvação", como declara Spurgeon; uma *expição* total, perfeita e satisfatória ainda era necessária para os pecados dos eleitos, de modo que Deus pudesse ser, não somen-

te um salvador, e sim “um Deus justo e Salvador”. Essa expiação, como todos nós reconhecemos, foi realizada pela submissão voluntária de Cristo à morte na cruz, onde sofreu sob a justiça desse Deus justo, e adquiriu a salvação que, como Salvador, havia determinado. Na cruz, então — e sem dúvida todos aceitamos isto — Cristo *suportou* castigo, e obteve salvação.

Surge agora esta pergunta: Ele suportou o castigo *de quem*, e adquiriu a salvação para *quem*? Existem três caminhos em que podemos prosseguir quanto a isso. São estes:

1. Cristo morreu para *salvar a todos os homens* sem distinção.

2. Cristo morreu para *salvar a ninguém em particular*.

3. Cristo morreu para *salvar a alguns*.

A primeira posição é mantida pelos “universalistas”, a saber, que Cristo morreu para salvar a *todos* os homens, presumindo eles com muita lógica, que *todos* os homens serão salvos. Se Cristo pagou o preço de pecado, salvou, resgatou, deu Sua vida por *todos* os homens, então *todos* os homens serão salvos. A segunda opinião é dos “arminianos”, que Cristo obteve uma salvação *potencial* para *todos* os homens. Cristo morreu na cruz, diz este ponto de vista, mas embora tenha pago a dívida de nossos pecados, Sua obra na cruz não se torna eficiente até que o homem “se decida por” Cristo, e seja salvo em consequência. A terceira opinião sobre a expiação é a “calvinista”, a qual diz que Cristo morreu *positiva e eficazmente* para salvar a um certo número de pecadores que mereciam o inferno, em quem o Pai já havia fixado Seu amor graciosamente e por eleição. O Filho pagou a dívida desses eleitos, e por eles satisfaz a justiça do Pai, atribuindo-lhes Sua retidão de modo que se completem nEle.

A morte de Cristo, então, só poderia ter sido por uma dessas três razões: salvar a *todos*, salvar a *ninguém em particular*, salvar a *um número em especial*. O terceiro modo de ver é aquele mantido pelos calvinistas e geralmente chamado expiação limitada, ou redenção particular. Cristo morreu para salvar um número *específico* de pecadores, a saber, aqueles a quem "elegeu nele antes da fundação do mundo" (Ef. 1:4); aqueles que o pai havia Lhe dado do mundo (João 17:9); aqueles a favor de quem Ele disse ter derramado Seu sangue, "isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por *muitos*, para remissão dos pecados" (Mat. 26:28).

Esse último ponto de vista, reivindicamos, faz justiça ao *propósito da vinda de Cristo à terra para morrer na cruz*. "*Chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados*". Não os judeus, certamente, pois os judeus não são um povo salvo. Jesus "amou a igreja, e a si mesmo se entregou *por ela*." (Ef. 5:25). "Por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação". (Rom. 4:25). A quem o Espírito Santo Se refere quando diz "*nossos*"? O mundo? Se isso for verdade, então os universalistas estão certos, pois Cristo "Por nossos pecados (o mundo) foi entregue, e ressuscitou para nossa (o mundo) justificação"; assim o mundo está *justificado* perante Deus. "Porque, assim como *todos* morrem em Adão, assim também *todos* serão vivificados em Cristo" (1 Cor. 15:22). Mais uma vez, isso só pode significar que *toda* a posteridade de Adão morre em Adão, como de fato ocorre — a Igreja pela qual Se entregou — vive nEle. Por que isso? Certamente porque Ele Se entregou *por eles*! "Com seu conhecimento o meu servo, o justo, justificará a muitos: porque as iniquidades deles levará sobre si" (Is. 53:11). E ao rea-



lizar isso enquanto pendurado na cruz, diz o profeta Isaías naquele maravilhoso capítulo 53 de sua profecia, Ele vê “o trabalho de sua alma... e ficará satisfeito”. O trabalho de Sua alma enquanto derrama Seu sangue como oferta por nossos pecados gerará filhos espirituais para louvor de Seu nome, e Ele ficará satisfeito quando vir essa obra realizada.

Não fechamos os olhos ao fato de algumas Escrituras se referirem ao “mundo”, nem ao fato de muitos as tomarem como ponto inicial sobre o assunto da redenção. Todavia, quando comparamos Escritura com Escritura, vemos que o uso da palavra “mundo” não implica necessariamente “todo homem e mulher no mundo”. “Eis que *toda* a gente vai após ele”, diziam de Jesus; todas as pessoas, entretanto, não “seguiram” a Cristo. A expressão significa “todo tipo de pessoa” — e normalmente tanto gentios como judeus. A pergunta principal deve ser quanto à intenção divina; Deus tinha *intenção* de salvar a todos os homens, ou não? Se não tinha a intenção de salvar a todos os homens, sem exceção de nenhum, mas somente os eleitos, então a obra de Cristo na cruz é um sucesso magnífico, e acreditamos com razão que “*toda* o que o Pai me dá virá a mim...” (João 6:37). Se, por outro lado, era a intenção de Deus salvar a todos, então a expiação de Cristo tem sido um grande fracasso, pois grande parte da humanidade não tem sido salva. Cristo pagou nossa dívida! Dívida *de quem?* Do mundo ou dos eleitos? Com toda certeza, se um homem foi redimido por um redentor, então a lei que ele quebrou deve ter sido satisfeita como resultado da obra de penhor em seu lugar.

Se Tu tens propiciado meu resgate,  
E sofrido graciosamente em meu lugar  
Toda a ira divina;  
Deus não exigirá pagamento duplo,

Primeiro da mão sangrada do meu Penhor,  
E depois mais uma vez da minha.

#### 4. GRAÇA IRRESISTÍVEL

Este quarto ponto do sistema de fé calvinista, como os outros três, é o resultado lógico de tudo o que o antecedeu. Se os homens são incapazes de salvar a si mesmos devido sua natureza degenerada, e se Deus Se propôs a salvá-los, e Cristo realizou sua salvação, *então* segue logicamente que Deus deve também prover os meios para chamá-los aos benefícios desta salvação que obteve para eles. O sistema teológico calvinista, contudo, embora integralmente lógico, é também mais que um mero sistema. É um sistema de crença bíblica pura fundamentado firmemente na Palavra de Deus. Sua doutrina da graça irresistível, então, não foi imaginada pelos homens que elaboraram "Os Cinco Pontos do Calvinismo" no Sínodo de Dort, mas é a revelação exposta na santa Palavra de Deus. Por exemplo, Romanos 8:30 "E aos que predestinou a estes também *chamou*". Deus não somente elegeu homens e mulheres para a salvação; também *chamou* aqueles que Lhe agradou a eleger.

O que significa graça irresistível? Sabemos que quando o chamado do evangelho ocorre em uma igreja, ou ao ar livre, ou pela leitura da Palavra de Deus, nem todos atendem. Nem todos ficam persuadidos do pecado e sua necessidade de Cristo. Isso explica o fato de haver *dois* chamados. Não somente há o chamado *exterior*, existe também o chamado *interior*. O exterior pode ser descrito como "palavra do pregador", e quando ocorre pode operar de modos diferentes em diferentes corações, produzindo uma série de diferentes resultados. Uma coisa não fará, entretanto, não operará obra de salvação

no coração do pecador. Para que seja forjada a obra de salvação, o chamado exterior precisa ser acompanhado pelo chamado interior do Espírito Santo de Deus, pois é Ele que “convence do pecado, da justiça e do julgamento.” E quando o Espírito Santo chama um homem, ou mulher ou jovem por Sua graça, esse chamado é *irresistível*: não pode ser frustrado, é a manifestação da graça irresistível de Deus.

Isso é provado vezes e mais vezes na Palavra vivificadora de Deus, como por exemplo nos versículos e trechos que seguem:

1. “Todo o que o pai me dá *virá a mim*; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”. (João 6:37). Notemos que são aqueles que o pai “dá a Cristo” — os eleitos — que *virão* a Ele; e quando vierem não serão lançados fora.

2. “Ninguém pode vir a mim, *se o Pai que me enviou o não trouxe*”. (João 6:44). Aqui nosso Senhor está simplesmente dizendo que é impossível aos homens virem a Ele por si mesmos; o Pai tem que atraí-los.

3. “E serão todos ensinados por Deus. Portanto todo aquele que *do Pai ouviu* e aprendeu vem a mim” (João 6:45). Os homens podem ouvir o chamado exterior; mas são aqueles “ensinados por Deus” que responderão e virão a Cristo. Assim foi com Simão Pedro: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, *mas meu Pai*, que está nos céus”.

4. “Porque todos os que são *guiados pelo Espírito de Deus* esses são filhos de Deus” (Rom. 8:14).

5. “Mas quando aprovou a Deus que desde o ventre de minha mãe me separou, *e me chamou pela sua graça...*” (Gal. 1:15).

6. “Mas vós sois a geração eleita ... para que anuncieis as virtudes daquele que *vos chamou das trevas* para a sua maravilhosa luz” (1 Ped. 2:9).

7. “E o Deus de toda graça, que em Cristo Jesus *vos chamou à sua eterna glória...*” (1 Ped. 5:10).

Uma ilustração notável desse ensinamento de graça irresistível, ou chamado *eficaz*, certamente é o incidente sobre o qual lemos em Atos, capítulo 16. O apóstolo Paulo ensinava o evangelho a um grupo de mulheres às margens de um rio em Filipos; e enquanto o fazia, “uma certa mulher chamada Lídia... nos ouvia, e o Senhor *lhe abriu o coração* para que estivesse atenta ao que Paulo dizia”. Paulo, o pregador, falou aos ouvidos de Lídia — o chamado exterior; mas o Senhor falou ao coração de Lídia — o chamado interior de graça irresistível.

Os arminianos crêem que homens e mulheres podem resistir ao chamado do evangelho de Deus, e de fato o fazem, contestando portanto a existência de uma doutrina como a da graça irresistível. Acreditamos que não somente os homens e mulheres *podem resistir ao evangelho de Deus mas de fato o fazem, e tem que fazê-lo* em decorrência de suas naturezas. Assim, há necessidade de existir uma doutrina como a da graça irresistível. Em outras palavras, alguma influência maior que a nossa natureza — maior que a nossa resistência — precisa penetrar nossas almas, ou estaremos perdidos para sempre, pois “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus”. Existem três grandes forças trabalhando na questão da salvação do homem:

1. A vontade do homem.
2. A vontade do diabo.
3. A vontade de Deus.

Qual será a vitoriosa? Se a vontade de Deus não for vitoriosa na questão de nossa salvação, então a vontade do *diabo* o será, pois o diabo é mais forte do que nós. Thomas Watson, um puritano do século XVII, coloca a questão nestas palavras: “Deus segue em frente conquistando na carruagem de Seu

evangelho... Conquista o orgulho do coração, e faz *a vontade* que se manteve como um Fort Royal contra Ele se entregar e se inclinar à Sua graça; faz o coração duro sangrar. Oh, é um chamado poderoso! Porque então alguns homens parecem falar de uma persuasão moral? Por que dizem que Deus na conversão de um pecador só persuade moralmente e nada mais? Se Deus na conversão persuadissem só moralmente, então não apresentaria um poder tão grande na salvação dos homens quanto o diabo na destruição deles". De quem será a vontade vitoriosa? Nossa vontade? Mas não é ela que realmente se coloca como "um Fort Royal" contra o Senhor? "E não quereis vir a mim para terdes vida". A vontade do diabo? Então quem será salvo, pois sua vontade sempre será mais forte que a nossa? Mas não será isso o evangelho, que "um mais forte do que o forte" apareceu, conquistando e para conquistar na carruagem de Seu evangelho? E Ele conquista! Conquista Satanás, e o homem insignificante também, para a glória de Sua graça irresistível.

## 5. PERSEVERANÇA DOS SANTOS

E agora, o último ponto — a perseverança dos santos. De novo, à guisa de sumário, vamos nos referir à Confissão Batista, que é concorde neste ponto com as confissões de fé históricas. "Aqueles a quem Deus aceitou no Amado", diz "eficazmente chamados e santificados por Seu Espírito, e a quem deu a fé preciosa de Seus eleitos, não podem cair total ou cabalmente do estado de graça, mas certamente perseverarão nela até o fim, e serão eternamente salvos, visto que os dons e chamados de Deus são sem arrependimento..."

Vamos mostrar mais uma vez que é exatamente isso que as Escrituras nos ensinam. "Porque os que

dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também *glorificou*. Que diremos pois a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?... Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida... nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor". (Rom. 8:29-31, 38-39).

Reconheçamos novamente que os homens no Sínodo de Dort (e aqueles que ensinam de modo semelhante) só estavam colocando num alcance limitado, em forma sistemática, o ensinamento do evangelho de Deus sobre a graça livre e soberana. Se o homem não pode salvar a si mesmo, então Deus precisa salvá-lo. Se todos não são salvos, então Deus não salvou a todos. Se Cristo pagou pelos pecados, então foi pelos pecados daqueles que são salvos. Se Deus tem a intenção de revelar essa salvação em Cristo aos corações daqueles a quem escolheu para salvar, então Ele proverá meios de fazê-lo com eficácia. Se, portanto, tendo *determinado* salvar, *morrido* para salvar, e *chamado* para a salvação aqueles que jamais poderiam salvar a si mesmos, também preservará os salvos para a vida eterna, para a glória de Seu nome.

Dessa forma, subsequente à depravação total, à eleição incondicional, à expiação limitada e ao chamado eficaz, temos *a perseverança dos santos*. "Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo" (Fil. 1:6). A Palavra de Deus está repleta de referências a essa verdade abençoada. "E a vontade do Pai que me enviou é esta: que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia" (João 6:39). "E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de

perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão" (João 10:28). "Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rom. 5:10). "Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rom. 8:1).

Esta é a marca que distingue o crente: que ele pertence a Cristo; que é perseverante nas coisas de Cristo; que procura "fazer cada vez mais firme a (sua) vocação e eleição". O crente em Cristo pode cair em tentação, mas o Senhor "... não (o) deixará tentar acima do que (pode), antes com a tentação dará também o escape" de modo que o crente saia dela e prossiga de novo nas coisas que dizem respeito à sua salvação para a glória de Cristo. Aqueles versículos incomparáveis de Romanos 8:28-39 mostram a lógica divina na salvação eterna de Deus; a lógica que o calvinismo simplesmente afirma. A salvação que tem início na mente e no propósito de Deus há de terminar no cumprimento de Seu desígnio infalível, qual seja, aqueles "que dantes conheceram" são eternamente unidos a seu Salvador.

## CONCLUSÃO

Isso é, então, em linhas gerais o ensinamento que às vezes chamam de calvinismo. Longe de uma inovação do homem, é a doutrina da Palavra de Deus formulada e exposta claramente.

A pergunta perene, entretanto, certamente será levantada: "Mas esse calvinismo não estorva a obra do evangelho? "Um olhar de relance na história da Igreja de Cristo neste mundo é suficiente para invalidar tal opinião. O evangelho de Cristo floresceu mais onde e quando o povo do Senhor teve essas doutrinas da graça perto de seus corações. Pensa-

mos no zelo de William Carey, que o levou de sua oficina de sapateiro para evangelizar por Cristo na Índia. Carey foi um calvinista firme, assim como Andrew Fuller, outro grande batista que ajudou a formar a Sociedade Missionária Batista. Pense nessas palavras do piedoso David Brainerd, o homem que acreditava que assim como os homens brancos, os índios Pele Vermelha da América também tinham almas. "Tive então dois desejos", escreve em seu diário, "minha própria santificação, e a *colheita dos eleitos de Deus*". Um grande evangelista dos tempos modernos foi o calvinista George Whitefield, entretanto seu calvinismo nunca impediu sua pregação do evangelho de Cristo. "Com que compaixão divina" dizia-se dele, "exortava o pecador a se voltar para Cristo".

Calvinismo, se pudermos usar essa palavra sem ser mal entendidos, foi o evangelho de Robert Murray M'Cheyne, assim como de Andrew Bonar, e William Burns, aquele grande líder do reavivamento e missionário na China. Mártires, reformadores, líderes da Igreja de Cristo na terra, quando falam do evangelho que pregaram e pelo qual morreram, falam do evangelho da graça salvadora de Deus a Seu rebanho eleito. Como começar a listá-los? Lutero, Calvino, Tyndale, Latimer, Knox, Wishart, Perkins, Rutherford, Bunyan, Owen, Charnock, Goodwin, Flavel, Watson, Henry, Watts, Edwards, Whitefield, Newton, Spurgeon são somente alguns dos membros do nobre exército de testemunhas à verdade da graça soberana de Deus. Acaso qualquer dos seus trabalhos para o Senhor foi prejudicado pelo que criam? Acreditavam que Deus era Senhor soberano. Ousaram acreditar que adoravam e serviam a um Rei que "tudo faz segundo sua própria vontade". Colocou bem aquele príncipe dos pregadores, Charles Haddon Spurgeon, quando disse, "Vi homens



mordendo os lábios e rangendo os dentes em ira quando pregava a soberania de Deus... os doutrinadores de hoje admitem um Deus, mas Ele não pode ser um Rei". Spurgeon obstruiu o evangelho? Contudo, quantos não se levantaram em contenda contra ele por causa de sua doutrina! "Somos apupados como *"hypers"* dizia, "quase nenhum ministro nos olha ou fala favoravelmente de nós; porque mantemos opiniões firmes sobre a soberania de Deus, e Sua eleição divina e amor especial para com Seu povo".

Talvez uma palavra desse mesmo gigante da Igreja devesse colocar uma exortação final diante de nós para mantermos firmes essas verdades abençoadas da Palavra de Deus, e proclamá-las para a glória de Seu nome. "A antiga verdade pregada por Calvino, a qual Agostinho pregou, assim como Paulo, é a verdade que tenho que pregar hoje, ou serei falso para com a minha consciência e meu Deus. Não posso *moldar* a verdade, não conheço algo como tirar as arestas de uma doutrina. O evangelho de John Knox é meu evangelho; aquilo que trovejou pela Escócia deve trovejar pela Inglaterra de novo". Amém e Amém.

## OUTROS TITULOS NOSSOS

- Amor de Cristo, O - R.M. McCheyne  
Amor imensurável - C. H. Spurgeon  
Aprendendo a estar contente - J. Burroughs  
Atributos de Deus, Os - A.W. Pink  
Avivamento - D. M. Lloyd-Jones  
Chamado para o ministério, O - C. H. Spurgeon  
Cinco pontos do calvinismo, Os - W. J. Seaton  
Combate cristão, O - D. M. Lloyd-Jones  
Conquistador de almas, O - C. H. Spurgeon  
Crescimento na graça - J. Newton  
Cristo: sabedoria, justiça, santificação do crente  
- G. Whitefield  
Cruz: a justificação de Deus, A  
- D. M. Lloyd-Jones  
Cura miraculosa - H. W. Frost  
Depressão espiritual: suas causas e cura  
- D. M. Lloyd-Jones  
Descobrimo a vontade de Deus - S. Ferguson  
Deus e o mal - W. Fitch  
Doença - J. C. Ryle  
Ensino sobre o cristianismo  
("As Institutas", um resumo) - J. P. Wiles  
Evangelização teocêntrica - R. B. Kuiper  
Fé: dom de Deus - T. Wells  
Figueira murcha, A - C. H. Spurgeon  
Glória de Cristo, A - J. Owen  
Guia seguro para o céu, Um - J. Alleine  
História dos poderosos feitos de Deus, A  
- C. H. Spurgeon  
Insondáveis riquezas de Cristo, As  
- D.M. Lloyd-Jones  
Inspiração das Escrituras, A - J. C. Ryle  
Lições aos meus alunos (vol. 1) - C. H. Spurgeon  
Lições aos meus alunos (vol. 2) - C. H. Spurgeon  
Lições aos meus alunos (vol. 3) - C. H. Spurgeon



Por um acidente da história no século dezessete cinco grandes verdades cristãs, formuladas por sucessores dos reformadores no Sínodo de Dort para combaterem um afastamento do evangelho, ficaram vinculadas com o nome do reformador genebrino que havia falecido meio século antes. O rótulo “Calvinismo” a princípio foi uma tática propagandista da parte dos oponentes, mas enquanto os defensores da fé bíblica (defendida pelos reformadores) reconheceram que bem poderia ser chamado por outro nome eles aceitaram o termo como um que denota as doutrinas que colocam o homem em dependência total da livre graça de Deus na salvação.

Desde o tempo da Reforma tem havido épocas em que o calvinismo, aparentemente desacreditado e esquecido, surgiu novamente com força vital e poder evangélico. Se isso está acontecendo hoje, como parece, então significa que o ensino bíblico está mais uma vez vindo à tona. Este livrinho foi escrito para explicar esse ensino, e o ponto de vista do autor é o mesmo exposto por C. H. Spurgeon quando escreveu: “Cremos nos cinco grandes pontos geralmente conhecidos como calvinistas; mas não olhamos para eles como físgas para meter entre as costelas dos nossos irmãos cristãos. Olhamos para eles como sendo cinco grandes lampiões que ajudam a projetar a cruz, ou seja, cinco irradiações surgindo do glorioso concerto do nosso trino Deus e ilustrando a grande doutrina de Jesus crucificado”.



**PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS**  
Caixa Postal 1287 — 01059-970 São Paulo — SP